

DICIONÁRIO DE HISTORIADORES PORTUGUESES

DA ACADEMIA REAL DAS CIÊNCIAS AO FINAL DO ESTADO NOVO

<http://dichp.bnportugal.pt/>



BASTO, Artur de Magalhães (Porto, 1894 – Porto, 1960)

Magalhães Basto foi, indiscutivelmente, pela extensão e qualidade do seu legado, o maior historiador que se dedicou à história da cidade do Porto no século XX, onde nasceu a 5 de Março de 1894 na freguesia do Bonfim. Era o segundo filho de António José de Magalhães Basto e de D. Joaquina Teixeira de Magalhães Basto, capitalistas com negócios comerciais no Brasil. Criado num ambiente tipicamente burguês, concluiu os estudos primários e secundários em escolas portuenses até à matrícula na Universidade de Lisboa. Bacharel pela sua Faculdade de Direito em 1922, pelos laços do casamento tornou-se cunhado de Mendes Corrêa, professor nas Faculdades de Ciências e de Letras da Universidade do Porto, a quem deveu o convite para renunciar à advocacia e ingressar na carreira universitária ainda no final desse ano. Provido, interinamente, como assistente do grupo de Ciências Geográficas na 1.ª Faculdade de Letras do Porto em inícios de 1923, desde logo, pelo reconhecimento da sua polivalência e interesse pelos estudos históricos, conciliou a regência da cadeira de Geografia Política e Económica com as de História dos Descobrimentos e Colonização Portuguesa e a de Paleografia e Diplomática. Nesse ano deu à estampa o seu primeiro estudo *A fronteira hispano-portuguesa (ensaio de geografia política)*, em que, ao revelar actualizados conhecimentos geográficos nos domínios físico e humano, se insurge contra a doutrina determinista da concepção linear das fronteiras naturais para a valorização da “zona fronteira”, que definia como o espaço de transição entre duas realidades políticas e morais distintas resultado das naturais diferenças antropológicas e geográficas.

Em 1925, após proposta de Damião Peres, Magalhães Basto foi transferido como assistente interino para o grupo de Ciências Históricas, leccionando ainda as cadeiras de História Antiga, Numismática, História Geral da Civilização e Geografia Colonial, ascendendo na carreira académica aos lugares de assistente provisório (1927) e de professor auxiliar provisório (1931) do respectivo grupo. Porém, cinco anos antes, quando contava já 35 anos de idade, inaugurava verdadeiramente a sua obra historiográfica com a publicação de *1809: o Pôrto sob a segunda invasão francesa*, que lhe granjeou uma certa projecção pública como investigador e erudito na área da História. Os ecos na imprensa enaltecera a monografia e o seu autor pela extensiva pesquisa documental, muita dela inédita dos fundos manuscritos da Biblioteca Pública e Arquivo Histórico da Câmara Municipal do Porto, a inteligente erudição histórica e a rigorosa imparcialidade científica na reconstituição das invasões napoleónicas ao território nacional e os seus efeitos



DICIONÁRIO DE HISTORIADORES PORTUGUESES

DA ACADEMIA REAL DAS CIÊNCIAS AO FINAL DO ESTADO NOVO

<http://dichp.bnportugal.pt/>

sobre a cidade e a região norte durante essa segunda campanha militar. De facto, em 1930, a sua reputação de investigador firmava-se com dois novos marcos: o estudo *Alguns documentos inéditos sobre Uriel da Costa* anunciava novos factos biográficos sobre o famoso filósofo judeu-novo portuense e nas páginas de *O Primeiro de Janeiro* deu início à rubrica semanal *Falam velhos manuscritos...*, que manteve até ao final da vida, perfazendo cerca de 1 500 artigos de índole histórica, cultural e artística versando o Porto e diversos aspectos da história portuguesa.

O encerramento da 1.^a Faculdade de Letras no Verão de 1931 gorou as suas expectativas de continuidade na docência universitária, obrigando Magalhães Basto a exercer como professor liceal em colégios privados da cidade, mas não a sua dedicação a novas temáticas de investigação históricas, cada vez mais centradas no espaço portuense, com a designação para conservador e chefe do cartório da Santa Casa da Misericórdia do Porto (1933) e de chefe da secção de manuscritos e reservados da Biblioteca Pública Municipal do Porto (1934-1938). Em particular nesta última, a elaboração dos *Catálogo do Fundo Azevedo* e *Catálogo dos Manuscritos Ultramarinos* ofereceram-lhe o acesso e conhecimento de um riquíssimo espólio de documentação sobre a história nacional e local, incluindo muitas crónicas medievais então inéditas, que constituiria muito do suporte para a sua futura produção historiográfica. Precisamente, em 1934, publicava a *História da Santa Casa da Misericórdia do Porto*, estudo de caso da instituição portuense que consagrava as suas qualidades como historiador e evidenciava algumas das influências na maturação do seu pensamento e modelo científico. Se por um lado absorvera dos lentes lisboetas e de Damião Peres uma clara tendência enciclopédica da História, expressa no capítulo de contextualização do nascimento das Misericórdias na conjuntura histórica nacional, manifestavam-se ainda traços da historiografia positivista através da prevalência do documento escrito na formulação das hipóteses assente na erudição e na crítica textual, e o culto da verdade, objectividade e imparcialidade num estilo de escrita qualificado de simples e atractivo. Ou mesmo a principal característica do seu ofício de historiador, o enfoque nos factos originais e desconhecidos sobre a realidade portuense, que como seu cidadão activo prestava na promoção da grandeza da identidade e singularidade da cidade.

A presidência de Mendes Corrêa nos destinos da vereação portuense em finais dos anos 30 voltava a significar novo reconhecimento da figura de Magalhães Basto, eleito para a direcção do recém-fundado Gabinete de História da Cidade (1937), actual Arquivo Histórico Municipal do Porto, onde se afirmaria como um mentor para uma nova geração de historiadores portuenses privados de uma Faculdade de Letras. Este organismo visava a organização e gestão do Arquivo Municipal com vista à sua conservação e dinamização dos estudos históricos sobre o Porto, projectando o seu director o início de uma colecção *Documentos e memórias para a História do Porto*, estreada com o volume *Vereações: anos de 1390-1395*, testemunho notável do seu domínio na Paleografia e da crítica histórica. Ao mesmo tempo que dirigia a publicação de novos volumes contemplando estudos históricos por outros autores, procurava resgatar também as principais obras antigas sobre a história portuense com novas edições revistas e comentadas por si. Em pouco menos de dois anos transitava para a chefia dos Serviços Culturais Municipais, altura em que



DICIONÁRIO DE HISTORIADORES PORTUGUESES

DA ACADEMIA REAL DAS CIÊNCIAS AO FINAL DO ESTADO NOVO

<http://dichp.bnportugal.pt/>

assumia também a direcção do Arquivo Distrital do Porto (mantendo esta acumulação de funções até ao seu falecimento), o lugar de prelector no curso livre “Estudos Portugueses” e de colaborador nas principais agremiações culturais portuenses e na obra *História da Expansão Portuguesa no Mundo*. Em 1939 foi ainda nomeado académico correspondente da Academia Portuguesa de História, tomando parte nas actividades inseridas nas Comemorações dos Centenários de 1940, como o Congresso do Mundo Português, integrando-se no ambiente político e cultural do Estado Novo, embora aparentemente afastado de uma militância política activa.

A década de 1940 afigura-se como a de maior visibilidade pública da sua faceta de historiador e comunicador. Aos microfones do Emissor Regional do Norte conduz o programa quinzenal *Figuras do Porto* com apontamentos históricos de individualidades e acontecimentos da cidade, e alcançava o desejo pessoal, há muito acalentado, de relançar a revista *O Tripeiro*, publicada entre 1908 e 1931. Esta publicação aclamada como um repositório de notícias sobre o Porto em temas diversificados, mas com maior relevância para as questões históricas, artísticas e culturais da cidade e região envolvente, teve Magalhães Basto como seu director na V série (1945-1960) e tornou-se uma referência para historiadores e admiradores dos assuntos históricos, conciliando o rigor da pesquisa histórica com uma linguagem acessível em que participavam aclamados e novos talentos da comunidade científica nacional. No panorama das suas investigações assinala-se o valioso contributo para a historiografia medieval nos múltiplos estudos sobre Fernão Lopes e a *Crónica dos Cinco Reis de Portugal*, sustentados na análise e publicação de códices inéditos na Biblioteca Pública Municipal do Porto, defendendo o alargamento do corpus textual atribuído a Fernão Lopes, integrado na chamada *Crónica Geral do Reino*. Não obstante algumas reservas de Costa Pimpão nessa hipótese, a mesma teve um acolhimento muito significativo em figuras como os antigos colegas no magistério universitário Hernâni Cidade e Torquato de Sousa Soares, Jacinto do Prado Coelho e, sobretudo, Lindley Cintra. Por morte de outro conterrâneo e amigo, a do Dr. Aarão de Lacerda em 1947, mereceu o convite para o substituir como vogal do Centro de Estudos Humanísticos, anexo à Universidade do Porto, instituto de investigação científica precursor no ressurgimento da sua Faculdade de Letras.

Magalhães Basto faleceu em Nevogilde na sua cidade natal, na manhã de 3 de Junho de 1960, repartindo os últimos anos de vida entre o funcionalismo público e o papel de historiador e dinamizador da vida cultural do Porto. À data era vogal delegado no Porto da Academia Nacional de Belas Artes e sócio do Instituto de Coimbra, Sociedade Martins Sarmento, Associação dos Arqueólogos Portugueses e Ateneu Comercial do Porto, medalha de mérito da Câmara Municipal do Porto e deixava uma bibliografia de cerca de 159 títulos, sem contar com as entradas em revistas de menor dimensão, com colaboração na *Revista de Estudos Históricos*, *A Águia*, *O Instituto*, *Stvdivm Generale*, *O Tripeiro*, *Revista de Guimarães* ou a *Grande Enciclopédia Portuguesa e Brasileira*, entre outros. Quanto ao seu projecto áureo de escrever uma história da cidade do Porto, remetido o convite pela vereação em 1952, apenas lhe foi possível esboçar provisoriamente a sua estrutura perante os problemas de saúde que o afectavam, obra que Damião Peres e



DICIONÁRIO DE HISTORIADORES PORTUGUESES

DA ACADEMIA REAL DAS CIÊNCIAS AO FINAL DO ESTADO NOVO

<http://dichp.bnportugal.pt/>

António Cruz retomaram em sua memória uma década depois. O seu legado historiográfico sobre a cidade do Porto e as crónicas medievais mantêm-se ainda como marcos de referência para estudos coevos, quer pela qualidade da sua erudição científica, quer pela receptividade conquistada junto do grande público, ao apreender a importância de meios como a imprensa, a rádio e as associações culturais na divulgação e destaque da História. Coube a Luís de Pina prestar o mais merecido tributo de homenagem ao ímpar historiador portuense: «Morte irreparável esta por algumas gerações, cronista-mor do Porto e guarda-mor da Torre de toda a sua tradição... Magalhães Basto biografou opulentamente o seu Porto e, com isso, emendou ou acrescentou muitas páginas à História de Portugal.» (*Memor Beneficii*, 1961, p. 5).

Bibliografia activa: “A fronteira hispano-portuguesa (ensaio de geografia política)”, *O Instituto: revista científica e literária*, Coimbra, vol. 70.º, 1923, pp. 57-225; *1809: o Pôrto sob a segunda invasão francesa*, Lisboa, Empresa Literária Fluminense, 1926; “Alguns documentos inéditos sobre Uriel da Costa” e “Novo documento inédito sobre Uriel da Costa”, *O Instituto: revista científica e literária*, Coimbra, vol. 79.º, 1930, pp. 1-20; *História da Santa Casa da Misericórdia do Porto*, 1ª ed, Porto, Santa Casa da Misericórdia, 1934; *Relação ou crónica breve das cavalarias dos doze de Inglaterra*, Porto, Imprensa Portuguesa, 1935; “Vereações”: *anos de 1390-1395, o mais antigo dos livros de Vereações do Município do Porto existentes no seu arquivo*, Porto, Câmara Municipal do Porto, 1937; *Fernão Lopes: suas crónicas perdidas e a crónica geral do reino*, Porto, Progredior, 1943; *Crónica de cinco reis de Portugal: inedito quatrocentista reproduzido do Cód. 886 da Biblioteca Públ. Municipal do Pôrto, seguido de capítulos inéditos da versão portuguesa da Crónica Geral de Espanha e outros textos*, Porto, Civilização, 1945; *Cronistas e crónicas antigas: Fernão Lopes e a “Crónica de 1419”*, Coimbra, Imprensa da Universidade, 1959; *Estudos Portuenses*, 2 volumes, Porto, Biblioteca Pública Municipal do Porto, 1962-1963.

Bibliografia passiva: ALMEIDA, Justino Mendes de, “Evocação do historiador Artur de Magalhães Basto”, *O Tripeiro*, Porto, Série Nova, 1987, pp. 37-44; AMADO, Teresa, *O Passado e o Presente: Ler Fernão Lopes*, Barcarena, Editorial Presença, 2007; CABRAL, Luís, “Artur de Magalhães Basto”, *Bibliotheca Portucalensis*, Porto, II série, n.º 8-10, 1993-1995, pp. 8-10; CRUZ, António [dir.], “Número de homenagem à memória do Dr. A. de Magalhães Basto”, *O Tripeiro*, Porto, VI série, n.º 1, 1962; FERREIRA, J. A. Pinto, “O meu primeiro e o último encontro com o querido e saudoso mestre: Dr. A. de Magalhães Basto”, *Boletim Cultural da Câmara Municipal do Porto*, Porto, vol. XXVII, fasc. 3-4, 1964; HOMEM, Armando de Carvalho, “A História que nos fez e a História que se faz: da primeira à segunda fase da Faculdade de Letras do Porto”, *Revista de História*, Porto, vol. XI, 1991, pp. 227-240; PINA, Luís de, “Memor beneficii”, *Stvdium Generale: boletim do*



DICIONÁRIO DE HISTORIADORES PORTUGUESES

DA ACADEMIA REAL DAS CIÊNCIAS AO FINAL DO ESTADO NOVO

<http://dichp.bnportugal.pt/>

Centro de Estudos Humanísticos, Porto, vol. III, tomo II, 1961, pp. 5-17; RIBEIRO, Fernanda e MEIRELES, Maria Adelaide, *Falam Velhos Manuscritos: índice de assuntos 1930-1960*, Porto, Biblioteca Pública Municipal do Porto, 2000; SILVA, Francisco Ribeiro da, “Magalhães Basto: o historiador da cidade do Porto”, *O Tripeiro*, Porto, Série Nova, 1994, pp. 109-114.

Francisco Miguel Araújo



APOIOS:

